

CASAMENTO E (IN)FELICIDADE NO LIVRO DAS MIL E UMA NOITES: AS TRÊS MOÇAS DE BAGDÁ

Marriage and (Un)happiness in the Book of One Thousand and One Nights: The Three Girls of Baghdad

Miriam Cabral Coser¹

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6931-5025>

E-mail: miriam.coser@unirio.br

Recebido em: 28/11/2023

Aprovado em: 24/03/2024

Resumo:

O artigo tem como objetivo promover uma reflexão sobre as complexas relações de gênero e poder no *Livro das Mil e Uma Noites*, a partir da análise do conto *O carregador e as três moças de Bagdá*, tendo como tema principal o casamento e a felicidade ou a infelicidade dele decorrente. A partir das perspectivas teóricas apontadas por Edward Said, com relação aos estudos orientais, e por Joan Scott, em relação à atualidade da pertinência da categoria gênero como categoria de análise, será investigado o significado atribuído ao casamento pelas personagens femininas do conto, assim como suas possíveis correlações com o cotidiano da sociedade islâmica medieval.

Palavras-chave: casamento, gênero, Islã Medieval

Abstract:

The article aims to promote a reflection on the complex gender and power relations in the *Book of One Thousand and One Nights*, based on the analysis of the short story *The Charger and the three girls from Bagdá*, through the key theme of marriage resulting happiness or unhappiness. From the theoretical perspectives pointed out by Edward Said, about oriental studies, and by Joan Scott, about the current relevance of the category gender as a category of analysis, the article will investigate the meaning attributed to marriage by the female characters in this short story, as well the possible correlations with the daily life of medieval Islamic society.

Keywords: marriage, gender, Medieval Islam

Introdução

O *Livro das Mil e Uma Noites* tem suscitado diversos estudos e interpretações no mundo não islâmico desde a primeira seleção e tradução para o francês no início do século XVIII. A edição de Antoine Galland (1646-1715), erudito, numismático e colecionador de objetos orientais, privilegiava o exótico e, dedicado à marquesa d'O, “valorizava o erótico, o pitoresco, a aventura [...]. Poemas de cunho ‘grotesco’, ‘palavrões’ ou anedotas grosseiras, aspectos prosaicos e vulgares, foram simplesmente suprimidos [...]. (Meihy, 1991: p. 12-13). Não é coincidência o fato de que a edição ocorre justamente no limiar de uma longa tradição que Edward Said chamou de *orientalismo*: “um modo de resolver o Oriente que está baseado no lugar especial ocupado pelo Oriente na experiência ocidental europeia” (Said, 1990: p.13).

Ainda hoje a fonte desafia historiadores/as que investigam possibilidades de aproximação com o vivido a partir de narrativas perpassadas pelo lúdico e o maravilhoso medieval. Um dos principais desafios consiste justamente na possibilidade de uma abordagem não orientalista da fonte, o que pode ser menos difícil para os/as investigadores/as do sul global, que não fazem parte do *Ocidente* cunhado no âmbito do orientalismo. Outro grande obstáculo é o domínio da língua árabe, especialmente no Brasil, onde ainda há poucos especialistas. Já um terceiro entrave para os estudos brasileiros da fonte, que era a inexistência de traduções diretas do árabe para o português, foi recentemente solucionado, com a primorosa tradução do *Livro das Mil e Uma Noites* realizada por Mamede Jarouche em 2005 e que se encontra atualmente na quinta edição (publicada em 2018).

Esse artigo tem como objetivo promover uma reflexão sobre as complexas relações de gênero e poder no *Livro das Mil e Uma Noites*, a partir da análise do conto *O carregador e as três moças de Bagdá*, tendo como tema principal o casamento e a felicidade ou a infelicidade dele decorrente. Como deixou claro Joan Scott, os estudos de gênero não devem se dispor simplesmente a elencar características femininas e masculinas nas fontes estudadas, mas sim a compreender os significados particulares em cada material examinado pois “quando gênero é uma questão aberta sobre como esses sentidos são estabelecidos, o que eles significam e em quais contextos, então a categoria de análise permanece útil, justamente por ser crítica”² (Scott, 2010: p. 13).

Manuscritos, datação e contexto de produção da fonte

O conto *O carregador e as três moças de Bagdá* será analisado a partir da tradução do árabe para o português feita por Mamede Jarouche do *Livro das Mil e Uma Noites* e que teve como base os três volumes do manuscrito mais antigo do ramo sírio (Arabe 3609-36-11) que se encontra na Biblioteca Nacional de Paris. O tradutor realizou também o cotejamento desses volumes com quatro outros manuscritos do ramo egípcio antigo, para suprimir lacunas e apontar variantes posteriores ao ramo sírio, sempre referenciando nas notas de rodapé as interpolações. A datação mais antiga registrada no manuscrito base é do ano 859 da Hégira, equivalente no calendário cristão ao ano de 1.455d.C. No entanto, Jarouche acompanha a avaliação de Muhsin Mahdi de que o manuscrito foi copiado no mínimo um século antes dessa data, remontando, portanto, ao século XIV (Jarouche, 2018: p. 34).

A datação do que seria o original do livro, do qual derivariam os manuscritos existentes ainda hoje, é um problema de difícil solução, uma vez que da hipotética matriz iraquiana só restaram dois pequenos fragmentos de papiro egípcio do século IX que mencionam as *mil noites* (Jarouche, 2018: p. 12-13). De acordo com as ponderações de Jarouche, o *Livro das Mil e Uma noites*, tal como chegou aos dias de hoje, foi escrito após o ano de 1.258, pois menciona fatos relativos à invasão de Bagdá pelos mongóis, que ocorreu nessa data. Em que pese possíveis apropriações de fábulas ou histórias exemplares da tradição oral ou escrita (de origem iraquiana ou não), a obra é o produto de um/uma autor/autora e composta não como mera transposição de uma versão oral, mas como um texto escrito original que previa também a performance do narrador.

O contexto de produção remete, portanto, ao período da queda do califado abássida em Bagdá e ao domínio mameluco na Síria e no Egito. Em meados do século XIII, paralelamente às investidas dos mongóis nas regiões do Iraque e Irã, a dinastia ayubida, fundada por Saladino e que governava a Síria e o Egito, chegava ao fim. As incursões mongóis na Síria foram contidas pelos exércitos mamelucos, guerreiros escravizados e islamizados, inicialmente atuando a serviço dos ayúbidas, mas que no curso dos acontecimentos os suplantaram (Hourani, 1991: p.84-85). Em 1250, os mamelucos formaram o mais poderoso Estado islâmico de sua época, com sede no Cairo,

abrangendo o Egito, a Síria e a Arábia e que só seria suplantado pelos turcos otomanos no início do século XVI (Rogan, 2021: p.27).

O prólogo-moldura das *Mil e Uma Noites* situa a história que dá origem ao livro na Pérsia do Império Sassânida, portanto período anterior à ocupação islâmica do século VII: “em tempos remotos, no reino sassânida, nas penínsulas da Índia e da Indochina [...]” (Noites, 2-18. p.42). A cultura persa exerceu grande influência ao longo da dinastia abássida (meados do século VIII a meados do século XIII) na medida em que seus membros já convertidos ao islamismo assumem postos de comando no exército e na burocracia em geral. A tradição literária persa difunde-se no mundo muçulmano e inclusive serve como movimento de afirmação em relação aos árabes, como no caso do movimento literário Shu’ubya (Goldschimidt Jr.; Al-Marashi, 2021: p.90).

Algumas histórias das *Mil e Uma Noites* se desenrolam no califado abássida do fundador da cidade de Bagdá, Harun al-Rashid (r.786-809), que era filho de uma persa, e foi o representante da fase de esplendor da dinastia em termos econômicos e culturais. Seu filho, Abdallah al-Ma’mum (r. 813-833), também de mãe persa, foi o criador da Casa da Sabedoria (Bayt al-Hikma) que “incluía várias escolas, observatórios astronômicos em Bagdá e Damasco, uma enorme biblioteca e instalações para a tradução de trabalhos científicos e filosóficos do grego, aramaico e persa ao árabe” (Goldschimidt Jr.; Al-Marashi, 2021: p.91). Zubaida, esposa de al-Rashid, promoveu a construção de mesquitas e tinha poetas e letrados entre seus protegidos (Jarouche, 2018, p. 18). É nesse contexto histórico que é situado o conto *O carregador e as três moças de Bagdá*.

As três moças de Bagdá

A estrutura do texto do *Livro das Mil e Uma Noites* vale-se da voz impessoal – *disse o autor, disse o narrador, disse tal personagem* – formando diversas camadas narrativas conduzidas pela voz principal de Sahrazade. A filha do vizir se voluntaria a casar com o rei sassânida, Sahriyar, que mandava matar todas as suas esposas após a noite de núpcias, e coloca em prática o estratagema de entreter o marido com histórias que indicavam desdobramentos futuros. Noite após noite, a vida de Sahrazade é poupada graças à curiosidade do rei. As relações de gênero e poder ficam evidentes no enredo principal: o rei havia sido traído por uma esposa e, a partir desse acontecimento, passou

a enviar para a morte todas as noivas após a noite do casamento, para não dar margem a ser traído novamente. O rei se casa com filhas de nobres, chefes militares, mercadores e gente do vulgo, até que começa a escassear o número de jovens no reino, levando ao descontentamento geral. A arma de Sahrazade contra a brutalidade do rei é a sabedoria. Ao contrário do que se supõe – ou do que as leituras orientalistas levaram a supor – não há na fonte descrições físicas ou menções à beleza da filha do vizir. Seus atributos são intelectuais: “tinha lido livros e compilações de sabedoria e de medicina; decorava poesias e consultara crônicas históricas; conhecia tanto os dizeres de toda gente como as palavras dos sábios e dos reis. Conhecedora das coisas, inteligente, sábia e cultivada, tinha lido e entendido” (Noites, 2018: p. 52). O rei detinha o poder patriarcal sobre suas esposas e a superioridade hierárquica sobre todo o reino. O poder de Sahrazade, vitoriosa ao final, posto que o rei desiste dos assassinatos, residia no saber que conjugava conhecimentos eruditos e populares.

A presença de mulheres letradas na cultura islâmica medieval não é uma criação literária. Adeline Rucquoi, referindo-se à Andaluzia ocupada pelos muçulmanos, menciona a atuação de diversas mulheres na produção, conservação e aquisição de livros. A biblioteca do califa Abderramão III, no século X, contava com vários encadernadores, copistas, iluminadores e bibliotecários, dentre os quais uma mulher, Labbana. Há registro de mulheres poetisas como Qasmuna bat Ismail, que aprendeu a arte da poesia árabe com seu pai e al-Arudhiya, escrava liberta versada em gramática, retórica e poesia (Rucquoi, 1995: p. 106-108). Segundo a autora:

Um certo número de mulheres também se destacou pelo seu gosto pelos livros, como Fátima – que no século X viajou por muitos países em busca de livros raros – ou, ainda, Aisha, proprietária de uma biblioteca afamada e autora de várias obras; no século XI outras mulheres ensinaram a caligrafia, a retórica ou a poesia, sendo mesmo versadas em direito. (Rucquoi, 1995: p. 93)

As histórias contadas por Sahrazade formam uma trama entrelaçada de narrativas que se completam mantendo sempre a curiosidade da audiência. O ramo sírio contém dez histórias principais, permeadas por diversas histórias mais curtas. Uma das histórias principais é *O carregador e as três moças de Bagdá*, contada ao longo de setenta e uma noites. O conto tem início com uma das moças fazendo compras com o auxílio de um humilde carregador que, ao levar as mercadorias para a casa da *compradeira*, conhece as

outras duas irmãs, a *porteira*, que os recebe na entrada, e a *mais bela*, dona da casa. O grupo aumenta ao longo da história na medida em que visitantes inesperados aparecem: três calênderes (que viriam a se revelar filhos de reis) e três mercadores (que eram na verdade o próprio califa abássida, al Rashid, seu vizir, Jafar, e seu verdugo, Masrur).

Os calênderes eram “uma confraria de dervixes mendicantes fundada por um asceta andaluz chamado Qalandar Yusuf; é expressão de origem persa, e significa ‘de barba raspada’ (Jarouche, 2018: p. 131). Na história contada por Sahrazade, os três mendicantes, todos de cabeça e barba raspadas, além de cegos de um olho, eram filhos de reis que passaram por infortúnios e perderam seus reinos. A mendicância e a cegueira como castigo não eram uma realidade estranha ao islamismo medieval. Goldschmidt Jr. e Al-Marashi afirmam que no século X, a dinastia buída, que era persa e xiita, havia dominado o califado abássida e “Embora tivessem deixado os abássidas manterem o califado, eles os confinaram em seu palácio em Bagdá e retiraram seus meios de sustento. Um califa abássida foi cegado. Outro foi reduzido a mendigar pela rua” (Goldschmidt Jr.; Al-Marashi, 2021: p.104).

O grupo de supostos comerciantes que é recebido na casa das três moças de Bagdá, composto na verdade pelo califa, seu vizir e seu verdugo, remetem à complexidade que a burocracia abássida atingiu no período de al Rashid, com maciça participação persa: havia “tesoureiros, coletores de impostos, governadores provinciais, funcionários, tutores, companheiros e ministros-chefes. Vizir, o título que sustentavam- *wazir* em árabe e *vizier* em persa -, passou a ser aplicado a qualquer oficial de alto posto” (Goldschmidt Jr.; Al-Marashi, 2021: p.90). Jafar, da família persa dos barmécidas, foi o vizir mais poderoso de Al Rashid, mas acabou por cair em desgraça e foi executado em 803 (Jarouche, 2018: p. 133). Na história contada por Sahrazade, personagem que seria filha de um vizir, Jafar aparece com um comportamento muito mais ponderado do que o próprio califa. A presença do carrasco Masrur no grupo remete à observação de Hourani de que o carrasco andava sempre próximo ao califa, para o caso de necessidade da execução de uma justiça sumária (Hourani, 1991: p. 34).

A riqueza das três moças fica patente desde o início com a quantidade de mantimentos adquiridos, a opulência da residência e a qualidade do banquete oferecido aos visitantes. A variedade de produtos e materiais disponíveis em Bagdá era uma marca do império abássida. Do Atlântico ao Afeganistão “os abássidas comandavam uma zona

livre de comércio na qual mercadorias altamente apreciadas como tecidos finos, incenso e especiarias culinárias e cosméticas eram regularmente comercializadas” (Fletcher, 2004: p.48). A efervescência do comércio do mundo islâmico medieval não se resumia, portanto, à cidade de Bagdá. Ibn Hawqal faz uma descrição de Palermo ao visitá-la no final do século X, testemunhando a existência de mais de 150 açougues e mais de 300 mesquitas na cidade.

Ibn Hawqal elenca os comerciantes de azeites, os mercadores de farinha de trigo, os tecelões, os cambistas de moedas, os vendedores de remédios, os ferreiros, os alfaiates, os fabricantes e vendedores de armas, os caldeireiros, os vendedores de peixe, os mercadores de cereais, os vendedores de verduras e frutas, os fabricantes e vendedores de jarros, os fabricantes de cordas, os padeiros, os açougueiros, os sapateiros, e outros (Bonnici, 2020: p.62-63).

A moça de Bagdá que inicia a história contada por Sahrazade fazendo compras na cidade, visita uma série de estabelecimentos - o cristão que vendia vinhos, o verdureiro, o açougueiro, o quitandeiro, o vendedor de frutas, o vendedor de frutas secas, o doceiro, e o droguista – para comprar variados produtos de cada vendedor, ao que o carregador lamenta: “Ai minha senhora, se você tivesse me avisado eu traria comigo um pangaré ou um camelo para carregar comigo toda essa compra” (Noites, 2018: p.119-120). O vinho, vendido por um cristão, é consumido em diversas passagens da história, a despeito das restrições religiosas islâmicas às bebidas alcoólicas. Os califas abássidas demonstravam sua devoção publicamente, inclusive como manifestação de suposta superioridade em relação à dinastia anterior, mas segundo Goldschmidt Jr. e Al-Marashi, o terceiro califa abássida, Al-Mahdi, apesar de ter financiado a expansão do pátio em torno da Caaba, “apreciava vinho, música, e garotas escravas perfumadas” (Goldschmidt Jr. e Al-Marashi, 2021: p.88).

A *compradeira* circula livremente pelo mercado sem tutela masculina. O carregador, contratado no local, obedece às suas ordens. Sabe-se que presença de mulheres desacompanhadas nos mercados foi motivo de crítica de juristas muçulmanos medievais. O egípcio Ibn al-Hajj preconizava, no século XIV, que as mulheres não deviam ir ao mercado, pois tal fato levaria a atos impróprios com os vendedores. Para o jurista muçulmano, uma mulher deveria sair de casa apenas para ser conduzida ao

casamento, ir ao funeral de seus pais ou ser levada ao seu próprio túmulo. No entanto, a realidade não era essa, pois as mulheres exerciam diversas atividades fora de casa, inclusive profissionais - principalmente as mais pobres - e circulavam por diversos espaços de convivência (Hourani, 1991: p. 120).

O fato das três moças morarem sozinhas, ou seja, sem a presença de uma figura masculina, assombra cada visitante. As regras rígidas para a permanência dos hóspedes são logo estabelecidas pelas moças: serão bem-vindos contanto que não façam perguntas ou peçam explicações. Mas a curiosidade dos sete homens fica cada vez mais aguçada, principalmente ao presenciarem um estranho ritual que combinava música, choro e o espancamento de duas cadelas negras.

A partir desse intrigante ritual e da curiosidade dos visitantes, a história se desdobra e é apresentada a origem de cada um dos personagens envolvidos: as três moças, as duas cadelas e os sete visitantes. Um eixo importante, que permeia algumas dessas histórias, e que ao final une todos os personagens, é o tema do casamento como promotor de infelicidade ou felicidade. Ao longo da trama, relações de gênero e poder se desenrolam, como será visto a seguir.

Casamento e (in)felicidade

Diferente da estratégia de Sahrazade, aqui não haverá suspense: as três moças de Bagdá eram irmãs por parte de pai, sendo a *mais bela* filha de uma das esposas e a *compradeira* e a *porteira* filhas de outra esposa. As duas cadelas negras do estranho ritual eram na verdade as duas outras irmãs por parte de pai e mãe da *mais bela* e que tinham sido metamorfoseadas por uma cobra-gênio. A transformação das duas moças em cadelas era um castigo pela ingratidão e traição à *mais bela*, que sempre as havia amparado. O centro dessa ingratidão e traição residia justamente nos casamentos efetivados pelo trio de irmãs.

A *mais bela* era também a mais rica das irmãs. Isso porque não havia se casado. Após a morte do pai, as três moraram com a mãe até a morte desta, quando herdaram mil dinares cada uma. Duas irmãs se casaram posteriormente e seus maridos perderam todo o dinheiro com maus negócios, além de as abandonarem na pobreza. A *mais bela* não se casou e soube negociar para multiplicar sua riqueza.

Hourani esclarece as regras do direito de herança das mulheres após a morte do marido no mundo muçulmano medieval:

Sua esposa receberia no máximo um terço [dos bens]. Se ele deixasse filhos e filhas, uma filha iria herdar apenas a metade do equivalente à parte de um filho; se ele deixasse apenas filhas, elas receberiam uma parte das propriedades, mas o remanescente iria para parentes homens. (Essa era a lei sunita; na lei xiita, no entanto, filhas herdariam tudo se não houvesse filhos) (Hourani, 1991: p.121-122)³.

A *mais bela*, na história contada por Sharazade, faz uso de sua herança para iniciar um negócio comercial. Karen Armstrong lembra que a própria Kadija, primeira esposa de Maomé “foi capaz de viver muito bem como comerciante” (Armstrong, 2001: p.77).

Para a autora:

A vida urbana oferece muitas vezes às mulheres a oportunidade de se destacar nos negócios e no comércio: durante o século XII, na Europa, houve um número significativo de mulheres banqueiras, mercadoras e lojistas que obtiveram excelente sucesso e parece ter acontecido o mesmo em Meca (Armstrong, 2001: p.77).

A *mais bela*, solteira, liderava suas próprias expedições comerciais, como informou ao califa: “Desejei, ó comandante dos crentes, partir em expedição comercial para a cidade de Basra, e para tanto providenciei uma grande embarcação, enchendo-a de mercadorias e artigos, além de tudo quanto me fosse necessário durante a viagem” (Noites, 2018: p.204). O seu sucesso contrastava com a de suas irmãs casadas, que acompanham as expedições comerciais, mas não as lideravam: “O marido da mais velha pegou o dinheiro de ambos, montou uma expedição comercial e saíram os dois em viagem [...]. O marido acabou dilapidando todo o dinheiro e os proventos de minha irmã” (Noites, 2018: p.203). Não satisfeito, o marido abandona a esposa que fica arruinada. A sorte da outra irmã casada é exatamente a mesma. A *mais bela* acolhe as irmãs desafortunadas e adverte: “Irmãs, o casamento não já não produz nenhum benefício. São poucos os homens de qualidade. Deixem disso e fiquemos juntas” (Noites, 2018: p.203). A advertência da *mais bela* não surte efeito: mais uma vez suas irmãs se casam e mais uma vez são arruinadas e abandonadas por seus maridos. Da mesma forma, mais uma vez a *mais bela* as acolhe.

O abandono de mulheres por seus maridos parece ter sido uma prática pré-ilsâmica que o Corão procura coibir. O divórcio é permitido dentro de determinadas regras, entre as quais a devolução do dote da esposa. “Proporcionarem o necessário às divorciadas é um dever dos tementes” (Corão, 2; 241). Samir El Hayek afirma que diversas estratégias para abandonar as esposas e reter seus recursos materiais foram proibidos no Corão. Um desses estratégias eram os maus tratos, para que a mulher abandonasse o marido e perdesse o direito aos bens: “Nos costumes pré-islâmicos, outro truque para reprimir a liberdade das mulheres casadas consistia nos maus tratos e no emprego da força, a fim de que pedissem o divórcio ou seu equivalente [...]. Isto também foi proibido” (El Hayek, 210: p.453). A proibição, no entanto, não impediu que a prática fosse de todo erradicada.

Apesar da generosidade da *mais bela* que acolhe as irmãs abandonadas, estas revelam-se ingratas e traidoras. Partindo juntas para uma expedição comercial, a *mais bela* se apaixona por um belo rapaz e o pede em casamento: “Venha comigo para a cidade de Bagdá. Esta escrava que está diante de você é a senhora de seu povo e manda em homens e escravos; tenho capitais e comércio” (Noites, 2018: p.203). Uma mulher pedindo um homem em casamento não é de todo inverossímil: a rica comerciante Kadija teria feito a proposta a Maomé (Armstrong, 2001: p.78). Mas na história contada por Sahrazade, a mulher rica e poderosa, que manda em homens e escravos, torna-se uma escrava diante de seu amado. O potencial casamento inverte sua posição hierárquica. Mas, no desenrolar dos acontecimentos, a felicidade esperada não ocorre, uma vez que as irmãs da *mais bela*, infelizes nos casamentos anteriores e invejosas da sua felicidade, matam o noivo. O aparecimento de uma cobra-gênio possibilita o castigo das invejosas, transformadas em cadelas.

A infelicidade no casamento fez parte da história também da *porteira*, que era irmã da *mais bela* apenas por parte de pai. O início de sua vida parecia promissor. Assim como sua irmã, recebeu herança e multiplicou sua riqueza com empreendimentos comerciais próprios:

Ao morrer, meu pai me deixou muitos bens e me casei com o homem mais próspero de Bagdá, junto ao qual permaneci durante um ano, levando a vida mais feliz. Mas ele morreu e a parte legal que me coube de sua herança remontava a noventa mil dinares. Gozei de uma vida

próspera, exercendo o comércio de roupas e joias; acumulei tanto ouro que a minha reputação começou a se espalhar” (Noites, 2018: p. 212)

O segundo casamento da *porteira* parecia também uma boa escolha. A irmã do pretendente diz à futura noiva: “ele [...] ouviu que você é a senhora entre os seus; de igual modo, ele é senhor entre os dele. Por isso, pretendeu que ambos se unissem: seja você a sua esposa, e ele, seu marido” (Noites, 2018: p. 215). A *porteira* aceita o casamento e é estipulado um contrato segundo o qual ela jamais poderia olhar ou falar com outro homem. Mas o marido suspeita que a esposa tenha descumprido o acordo de casamento e quase a mata. Muito ferida, a moça pede abrigo à sua meio irmã, a *mais bela*. Ao final da história, é revelado que o marido da *porteira* era Amin⁴, um dos filhos do califa al-Rashid.

Todos os casamentos que fazem parte dessa história ocorrem por vontade das mulheres, sem a tutela ou o intermédio de um homem. Hourani explica que o casamento no mundo islâmico medieval era um contrato em geral firmado entre o responsável pela moça e o noivo. Se a menina fosse ainda impúbere, não era necessário pedir seu consentimento, mas após a puberdade sim. Caso a moça não tivesse um casamento prévio, o silêncio era tomado como consentimento, mas as que já haviam passado por um casamento deviam se manifestar (Hourani, 1991: p.120).

Outra característica dos casamentos das irmãs parece ser a monogamia. Não são mencionadas outras esposas. O islamismo permite que o marido tenha até quatro esposas, contanto que não negligencie nenhuma delas, além de permitir também o concubinato. Mas, segundo Hourani, o contrato de casamento poderia estipular que não haveria outras esposas ou concubinas (Hourani, 1991: p.121).

Até esse momento da narrativa tudo leva a crer que o casamento é o grande causador da infelicidade feminina. Como a *mais bela* disse às suas irmãs, *o casamento já não traz benefícios*. O final da história, no entanto, aponta para outro sentido. O califa, ao ouvir todas as histórias, promove, como solução, uma sequência de casamentos: os três calênderes casam-se respectivamente com a *mais bela* e suas duas irmãs (cujo feitiço que as transformou em cadelas foi retirado), o filho do califa, Amin, tem o contrato de casamento com a *porteira* renovado e o próprio califa se casa com a *compradeira* (única que nunca tinha desejado se casar anteriormente e parece não ter um passado). Os

casamentos são seguidos de muitas compensações materiais e o final da história é aparentemente feliz.

Conclusão

A visão *orientalista*, difundida nos países europeus e nos EUA, identifica um oriente muçulmano que conjuga o desregramento sexual (poligamia, formação de haréns) e a opressão às mulheres. As interpretações do *Livro das Mil e Uma Noites* muitas vezes se prestou à reafirmação dessa visão: as mulheres muçulmanas seriam uma espécie de escravas sexuais, maltratadas e sob o constante domínio masculino. Mas as histórias contadas por Sahrazade permitem outras reflexões sobre as relações de gênero no mundo islâmico medieval. Certamente não se tratam de relatos que pretendem ser um testemunho da realidade, mas, como foi visto, diversos elementos do cotidiano medieval estavam presentes nas *Mil e Uma Noites*. Dentre estes, é possível observar mulheres fazendo compras, herdando dinheiro, dedicando-se aos negócios de forma bem-sucedida e inclusive desejando e fazendo proposta de casamento. Em contrapartida, observa-se também a vivência do abandono e dos maus tratos sofridos por esposas.

Como foi dito no início desse artigo, para compreender as relações de gênero numa dada sociedade, mais do que elencar os papéis atribuídos a homens e mulheres, é importante procurar compreender os significados atribuídos a esses papéis. A história das três moças de Bagdá traz uma clara crítica ao casamento e ao papel de esposa reservado às mulheres na advertência que a *mais bela* faz a suas irmãs que insistem em se casar novamente. Mas a *mais bela* também sucumbe ao desejo de ser uma esposa e, apesar de rica e poderosa, se coloca como escrava do futuro marido em seu pedido de casamento.

O casamento é a causa de todos os males das moças de Bagdá, mas a solução final são justamente os arranjos de casamento feitos pelo Califa. O fracasso dos casamentos anteriores seria decorrente da falta de um tutor das mulheres nas negociações? Isto não fica claro na história. Não há indício de críticas à forma como os casamentos foram contraídos.

O *Livro das Mil e Uma Noites*, apesar de ter semelhanças com outros gêneros literários, não é constituído como as histórias exemplares, de cunho didático. O livro “se propõe como narrativa pura e simples que se oferece a juízos arbitrários e caprichos de

opinião” (Jarouche, 2018, p.29). O significado do casamento para as mulheres daquela sociedade fica, assim, em aberto na história das três moças de Bagdá. A experiência mostra que o casamento não trouxe felicidade a nenhuma delas, mas as irmãs se submetem à determinação do Califa. Feliz foi Sahrazade, que *leu e entendeu*.

Referências

Fontes

Corão Sagrado. Tradução Samir El Hayek. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.
O Livro das Mil e Uma Noites. vol. I Ramo Sírio. Tradução Mamed Jarouche. São Paulo: Biblioteca Azul, 2018.

Bibliografia

ARMSTRONG, Karen. **Maomé.** Uma biografia do profeta. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2001
BONNICI, Thomas. A evolução de Balarm (Palermo) islâmica (831-1072). **Política, História e Sociedade**, Vitória da Conquista, v.19, n.1, p. 54-72, jan.-jun. 2020.
EL HAYEK, 210 Introdução e Notas. In: **Corão Sagrado.** São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.
FLETCHER, Richard. **A Cruz e o Crescente.** Cristianismo e Islã, de Maomé à Reforma. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
GOLDSCHMIDT Jr., Arthur; AL-MARASHI, Ibrahim. **Uma história concisa do Oriente Médio.** Petrópolis: Vozes, 2021
HOURANI, Albert. **A History of the arab peoples.** Massachusetts: Harvad University Press, 1991.
JAROUCHE, Mamed. Introdução e notas. In: **O Livro das Mil e Uma Noites.** vol. I Ramo Sírio. São Paulo: Biblioteca Azul, 2018.
MEIHY, José Carlos. Introdução. In: **As mil e uma noites:** damas insignes e servidores galantes. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ROGAN, Eugene. **Os árabes**: uma história. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Estampa, 1995.

SAID, Edward W. **Orientalismo**. O oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

SCOT, Joan. Gender: still a useful category of analysis? **Diogenes**, 225, p.7-14, 2010.

¹ Professora Titular de História Medieval do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

² Em inglês no original: "When gender is na open question about how these meanings ara established, what they signify, and in what contexts, then it remains a useful – because cirtical – categoria of analysis".

³ Em inglês no original: "His wife would receive ata mosta one-third. If he left sons adn daugthers, a dougther would receivee a certain proportion of his property, but the remainder would go to his male relations. (This was the Sunni law; in Shi'i law, however, daugthers would inherit evrething if there were no sons)."

⁴ Amin, cuja mãe era árabe, após a morte de seu pai, al-Rashid, entrou em guerra pela sucessão do califado contra seu meio irmão, al-Ma'um, que era filho de uma persa. Amim foi derrotado em 813.